

“FERIDAS QUE CURAM DEIXANDO CICATRIZES”

Zupančič contra Marcuse e uma
crítica ao lugar da sexualidade em
Eros e Civilização

“WOUNDS THAT HEAL LEAVING SCARS”

Zupančič against Marcuse and a critique of the place of
sexuality in Eros and Civilization

Thomas Henry Silva Stanton¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

¹ Graduando em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
E-mail: thomas.1801.stanton@gmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1379249670333474>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7997-880X>.



RESUMO: Este artigo visa, diante do aporte teórico fornecido por Alenka Zupančič em sua obra *What is Sex?* (2017) e de contribuições de pensadores contemporâneos também inspirados por uma leitura lacaniana da psicanálise, como Gabriel Tupinambá (2018) e Vladimir Safatle (2004), estabelecer uma crítica ao tratamento do conceito de sexualidade dado no interior do texto *Eros e Civilização* (1955), de Herbert Marcuse. Para tanto, primeiramente, reconstruir-se-á o projeto marcuseano de *Eros e Civilização*. Em seguida, será exposta a conceitualização da sexualidade elaborada por Zupančič. Por fim, contrastando os dois sistemas apresentados, em conjunto com contribuições de pensadores adjacentes à linha teórica de Zupančič, mostrar-se-á que Marcuse não concebe a sexualidade em sua pertinência conceitual e, deste modo, acaba inibindo aquilo que permite à psicanálise atuar enquanto campo autônomo em uma totalidade conflitiva onde a filosofia não incide adequadamente.

Palavras-chave: Sexualidade. Herbert Marcuse. Alenka Zupančič. Filosofia da psicanálise. Negatividade.

ABSTRACT: This article seeks to, in light of the theoretical contributions furnished by Alenka Zupančič in her work *What is Sex?* (2017) and of contributions provided by contemporary thinkers also inspired by a lacanian reading of psychoanalysis, such as Gabriel Tupinambá (2018) and Vladimir Safatle (2004), establish a critique of the treatment of the concept of sexuality given inside the text *Eros and Civilization*, (1955) of Herbert Marcuse. Therefore, firstly, the marcusean project of *Eros and Civilization* shall be reconstructed. Next, the conceptualization of sexuality elaborated by Zupančič shall be exposed. Finally, contrasting both systems thus presented, along with contributions given by thinkers adjacent to the theoretical line of Zupančič, it shall be shown that Marcuse does not conceive sexuality in its conceptual pertinence and, thus, ends up inhibiting that which allows psychoanalysis to act as an autonomous field in a conflictive totality which philosophy cannot adequately address.

Key-words: Sexuality. Herbert Marcuse. Alenka Zupančič. Philosophy of psychoanalysis. Negativity.

Introdução

A sexualidade ocupa um lugar importante em literaturas que estabelecem uma esteira entre Marx e Freud desde o início do século XX (Fong e Jenkins, 2018; Jay, 2008). Na maioria das vezes, como um elemento chave a ser considerado na integração das condições objetivas com condições subjetivas para a produção de um novo mundo; um impasse ambíguo e conflitante que, inobstante refira a economia libidinal fortalecedora do estado atual das coisas, também expressa contradições que parecem clamar por uma nova forma de sociabilidade. O que outrora foi diagnosticado como uma matéria “suja” e “particular”, ilegítima para receber a atenção de uma grã-filosofia, tornou-se um ponto central de ingerência teórica para tentar retocar as engrenagens que emperram a emancipação humana.

Herbert Marcuse, teórico crítico alemão, é um nome fundamental entre aqueles que se vincularam a projetos de pensar a sexualidade sob a ótica da relação entre Marx e Freud. Ele se destaca por não apenas usar ferramentas freudianas para pensar problemas específicos de teoria social, mas por argumentar que há *tendências ocultas* no interior dos conceitos psicanalíticos que teriam implicações radicais para a teoria social (Fong e Jenkins, 2018, p. 957). Sua obra *Eros e Civilização* (Marcuse, 1955) é emblemática nesse quesito: ela visa “descrever as condições de possibilidade de uma sociedade na qual a agressão terá sido eliminada e na qual o trabalho libidinalmente satisfatório será concebível” (Jameson, 1971, p. 115, tradução do autor)². Revertendo a fórmula freudiana de que o progresso civilizacional é inseparável do aumento de repressão pulsional, Marcuse argumenta que a estrutura libidinal do sujeito contém potencialidades que contradizem fundamentalmente as injunções mobilizadas pelo modo de produção capitalista em seu funcionamento. A sexualidade — intrinsecamente conectada com as pulsões de vida e a sensualidade [*sinnlichkeit*] no sistema marcuseano —, embora historicamente construída como algo a ser reprimido pela razão em nome da possibilidade de convivência e reprodução social, segundo Marcuse, tem em si potencialidades que apontam para uma interconexão harmoniosa com a razão em nome da produção mútua de uma civilização não repressiva.

Marcuse não veicula ilusões sobre o potencial emancipatório da liberação sexual pura e simples — o seu ponto é pela articulação de potencialidades no interior da sexualidade e da estrutura libidinal do sujeito que ensejariam sua *transformação* (Marcuse, 1955, p. 201-204)³. Todavia, ainda assim, o seu

² Citação original: “describing the conditions of possibility of a society from which aggression will have been eliminated and in which libidinally satisfying work will be conceivable”.

³ Inclusive, o seu texto posterior *Homem Unidimensional* pode ser encarado como lidando com a utilização ideológica que o Capital pode fazer da liberação sexual e da injunção ao gozo. Ver MARCUSE, [1964] 2002.



tratamento de conceitos psicanalíticos abafa e obscurece alguns em nome de outros. O teórico crítico alemão parte da sexualidade, mas seu projeto suprime o que há de distintivo com sua conceitualização psicanalítica. Querendo integrar a sexualidade numa pretensa dialeticidade teleológica de resolução de contradições construídas historicamente, em que a razão estaria a serviço da satisfação libidinal e vice-versa, Marcuse perde de vista que o nervo do conceito de sexualidade na lente psicanalítica é menos a busca por obtenção de prazer e satisfação, e mais o realce de uma *negatividade fundamental* subjazendo os processos de constituição psíquica.

O trabalho de Alenka Zupančič, filósofa e psicanalista eslovena, comumente vinculada à “troika dos lacanianos de Ljubljana” (Mladen Dolar, Slavoj Žižek e Zupančič), pode ser invocado como um contraponto aos equívocos marcuseanos. A sua obra *What is Sex?* (Zupančič, 2017) expõe que a sexualidade, sob o prisma conceitual fornecido pela psicanálise, é um ponto de articulação de *fraturas ontológicas e inconsistências constitutivas*, e como tal, tem implicações filosóficas radicais; entretanto, é também o “*sine qua non*” da psicanálise, permitindo-a que forme um campo de conhecimento autônomo que pode, nos seus próprios termos, ter acesso ao real de uma totalidade conflitiva.

Assim, primeiro, o presente artigo reconstruirá o projeto marcuseano de *Eros e Civilização*. Em seguida, a proposta de Zupančič sobre o conceito de sexualidade e suas implicações para a filosofia e psicanálise serão expostos. Então, realçar-se-á por que, partindo das bases teóricas fornecidas pela pensadora eslovena, Marcuse não faz justiça ao conceito de sexualidade em sua pertinência conceitual, suprimindo a sua negatividade constitutiva. Deste modo, e com o apoio argumentativo de pensadores contemporâneos que partilham das ferramentas e influências teóricas de Zupančič (como Vladimir Safatle (2004) e Gabriel Tupinambá (2018)), será tecida a conclusão de que, com o lugar tido pela sexualidade no projeto marcuseano, não há espaço para que a psicanálise, diante de uma totalidade onde a filosofia (de maneira completamente autônoma) não pode incidir por inteiro adequadamente, atue como um campo autônomo e forneça suas próprias formas de “consistência”.

1 *Eros e civilização e as potencialidades da sexualidade*

O projeto de *Eros e Civilização* não pode ser adequadamente compreendido senão como tendo por pano de fundo as teses tecidas em *Mal-estar na Civilização*, de Sigmund Freud. Nesta obra, Freud esboça uma arqueologia da civilização, na qual, mobilizando alguns esquemas de sua metapsicologia — como o de um embate eterno críptico entre as pulsões de vida (*Eros*) e as pulsões de morte (*Tânatos*) (Freud, 1931, p. 119-122) e de simetrias entre o processo de complexificação civilizacional e o

desenvolvimento psíquico do sujeito (Freud, 1931, p. 97; pp. 137-140) —, acarreta-se a conclusão de que o desenvolvimento civilizacional é necessariamente conectado com a repressão pulsional e o aumento de insatisfação sobre o sujeito (Freud, 1931).

Marcuse não descarta por completo as categorias e os pressupostos freudianos; pelo contrário, ele quer aprofundar e mobilizá-los para expor o que seria um ponto cego nas teses do *Mal-estar na Civilização*. O ponto de inflexão marcuseano consiste em *historicizar o princípio da realidade*. Mostrando que o entendimento do princípio da performance não se esgota em sua variante contemporânea, o teórico crítico alemão pode conjecturar uma saída para o impasse freudiano: pode-se manter e desenvolver objetos culturais e civilizacionais sem o corolário de aumento de repressão sobre o sujeito.

De acordo com Marcuse, ainda que haja um princípio da realidade “mínimo”, necessário para garantir o desenvolvimento psíquico do sujeito e condições básicas de sobrevivência, a especificação do conteúdo e das exigências do princípio da realidade é algo que está atrelado ao modo de produção e reprodução social do contexto em questão (Marcuse, 1955, pp. 35-38). Ademais, embora uma repressão “básica” se mostre importante para a modificação das pulsões em nome da possibilidade da convivência em comum, a repressão pode se desligar da satisfação de necessidades humanas fundamentais e se tornar uma *mais repressão* (Marcuse, 1955, pp. 35-38) — i.e., passar a visar apenas a imposição da dominação⁴ de uma classe sobre outra. Na civilização contemporânea (ou seja, no mundo do Capital), a forma do princípio da realidade vigente é a do *princípio da performance*, nomeado enquanto tal para “ênfatisar que, sob seu domínio, a sociedade é estratificada conforme a performance competitiva e econômica de seus membros” (Marcuse, 1955, p. 44). Em sua hegemonia, impõe-se uma mais-repressão sobre o sujeito, administrando insatisfações e impulsionando sua constante reprodução.

Com efeito, o princípio da performance pode ser visto como a culminação de uma lógica subjacente ao desenvolvimento da ideia ocidental de “racionalidade”, uma lógica de *dominação*. Historicamente, concebeu-se a razão como diametralmente oposta à sensualidade [*sinnlichkeit*] e às faculdades gratificantes humanas; a razão como o lado repressivo, ativo, identificado com o sujeito por inteiro (o legítimo “mestre” da vida psíquica madura), e a sensualidade [*sinnlichkeit*] como puramente passiva, incapaz de ter um legítimo e estável lugar na vida psíquica madura (devendo ser relegada à esfera fantasiosa onde pode reinar o princípio do prazer), manifestando-se sempre como alguma espécie de alteridade. Na relação entre ambas, tomou-se que a razão deveria dominar o que é “externo”

⁴ Marcuse distingue o “exercício racional da autoridade” da “dominação” pura e simples, aquela conectada com qualquer forma de divisão do trabalho (em nome de eficiência para garantir o “avanço do todo”), esta representando formas de manter um determinado grupo em uma posição privilegiada sobre outro. Ver Marcuse, 1955, pp. 36-37. Um maior aprofundamento sobre o que está em jogo com o conceito de “dominação” em Marcuse pode ser encontrado em Kellner, 1984, pp. 165-167.



a ela, especialmente a sensualidade [*sinnlichkeit*] – uma injunção levada ao extremo na hegemonia do princípio da performance (Marcuse, 1955, pp. 106-125). Ora, o princípio da performance requer que o corpo humano seja nada além de um instrumento de trabalho alienado; para tanto, a sensualidade [*sinnlichkeit*], buscando um prazer incondicionado, deve ser reprimida. Deixada por conta própria, ela poderia explodir os contornos do que é dado e visar um mundo onde a gratificação possa estar liberada, independente de uma subsunção a um processo de reprodução de trabalho alienado (Marcuse, 1955, pp. 39-46).

Para transformar o corpo humano em um mero instrumento de trabalho alienado, o princípio da performance produz efeitos poderosos na economia libidinal do sujeito. Pode-se distingui-los em dois níveis, um espacial e outro temporal. Espacialmente, o princípio da performance impõe a *supremacia genital*. Nega-se a perversidade polimorfa – i.e., a multiplicidade das zonas erógenas e as pulsões parciais a elas associadas são forçosamente dirigidas exclusivamente à genitalidade –, a fim de dessexualizar o corpo em seu conjunto e determinar a procriação como único propósito da sexualidade (Marcuse, 1955, pp. 35-39). Temporalmente, ocorre a *fragmentação temporal do prazer*, que é disciplinado ao cumprimento de uma função externa a si mesmo (proibindo o “prazer pelo prazer”) em um ciclo temporal pré-condicionado (trabalhar agora, para ter tempo para prazer depois, para então ter vitalidade para trabalhar, *ad infinitum*) (Marcuse, 1955, pp. 46-48).

Entretanto, para Marcuse, a supremacia do princípio da performance não é o fim da história, ela contém em si um ponto de curto-circuito. Quanto maior a intensidade da mais repressão, mais gritante é sua obsolescência. Ou seja, quanto mais a imposição da mais-repressão está desligada da satisfação de necessidades básicas, aparecendo como um “excesso” que nada faz além de sedimentar o domínio de uma classe sobre outra, mais se evidencia a criação de condições tecnológicas e materiais que permitem suplantar a hegemonia do princípio da performance, sem o perigo de recair em um estado de impossibilidade de satisfação de necessidades básicas (Marcuse, 1955, pp. 129-135).

Além disso, alguns elementos internos ao mundo do princípio da performance apontariam para a possibilidade de sua superação. O trabalho de Eros (as pulsões de vida) e o princípio do prazer, conforme argumenta Marcuse, produzem contradições irreconciliáveis com o princípio da performance. Ainda que ambos sejam também instrumentalizados em nome da manutenção do Capital, o princípio do prazer e Eros contêm tendências latentes que explodem a lógica fundamental de reprodução social vigente (Marcuse, 1955, xxiii-xxv). Visando “a gratificação pela gratificação”, a exploração de potencialidades despreocupada com a consecução de algum objetivo externo, eles não podem ser perfeitamente assimilados nas exigências do princípio da performance.



À memória, à fantasia e à estética cabe a salvaguarda destas potencialidades⁵ utópicas das promessas de gratificação. Conforme o teórico crítico alemão argumenta, na maturação psíquica do sujeito, a introdução do governo pelo princípio da realidade impõe uma mutilação naquilo que era originalmente unificado: os anseios pela gratificação plena levados à frente pelo princípio da performance são relegados para a esfera da fantasia, marcada por uma suposta “irrealidade” e incapacidade de gerir a vida psíquica do indivíduo perante as exigências do mundo externo (Marcuse, 1955, pp. 11-16). Assim, a memória guarda as imagens das promessas de gratificação plena não realizadas, que poderiam ser desenvolvidas livremente, em todas as suas possibilidades, pela fantasia, que resiste ao domínio do princípio da realidade repressivo (Marcuse, 1955, pp. 18-19; pp. 141-143)⁶. A gratificação, por sua vez, no escopo total de suas potencialidades, almeja a reconciliação entre prazer e razão. Trata-se da *verdade dos sentidos*, que prega que há uma conexão harmoniosa “essencial” entre o prazer, a sensualidade [*sinnlichkeit*], a beleza, a arte e a liberdade; a estética é responsável por preservar tal verdade⁷ (Marcuse, 1955, pp. 172-173). Ou seja, há a articulação de elementos que, conquanto refiram a traços arcaicos ou ainda internos ao mundo do princípio da performance, fornecem bases para pensar um mundo futuro, radicalmente diferente.

Para rebater a objeção de que os traços arcaicos mobilizados necessariamente implicam em barbárie e na impossibilidade de uma convivência social madura, Marcuse responde que sua conjectura não propõe apenas uma liberação, mas uma *transformação* da libido e da sensualidade [*sinnlichkeit*] (Marcuse, 1955, pp. 201-204). A utilização da fantasia e da memória e o recurso ao narcisismo primário e ao princípio da performance seriam efetuados por uma libido *qualitativamente diferente* e mediados por um *ego maduro*, tendo uma civilização não ameaçada pela escassez como pano de fundo. A racionalidade e a sensualidade [*sinnlichkeit*] estariam não mais em oposição, mas em verdadeira comunicação para auxiliar um ao outro. Assim, o que outrora seria descartado como meramente

⁵ A ideia de “potencialidade” em Marcuse é profundamente influenciada pelo conceito hegeliano de “possibilidade real”, referindo-se à consideração, em termos normativos e de desenvolvimento necessários, da possibilidade real. Ver feenberg, 2023, pp. 63-66.

⁶ Aqui se revela também a importância do narcisismo primário para o projeto marcuseano, o estágio (hipotético) precoce na vida psíquica onde, através da criança investindo toda sua libido em si, há uma interconexão entre o ego e o mundo externo, perdendo sua regência sobre a vida psíquica com a introdução do princípio da realidade, que postula contrastes entre o mundo externo potencialmente lesivo e o ego. Esse conceito será importante para a conjectura de uma “sublimação não repressiva”, conforme será mostrado posteriormente no presente artigo. Sobre o narcisismo primário, ver Laplanche e Pontalis, [1967] 1983, pp. 368-370.

⁷ Schiller é uma figura importante para Marcuse conceitualizar sua ideia do potencial utópico da estética. A ideia de um “impulso-brincadeira” [*play-impulse*], que resiste subordinação a uma lógica alienada, se vendo livre para explorar possibilidades, unificando finalmente o “impulso-sensível” [*sensuous-impulse*] e o “impulso-forma” [*form-impulse*] tem um lugar central de inspiração para o projeto marcuseano. Ver Marcuse, 1955, pp. 186-193 e Schiller, [1794] 2002.



regressivo teria lugar, em uma civilização não repressiva, como material para que a razão e a sensualidade [*sinnlichkeit*] desenvolvam sua interconexão (Marcuse, 1955, pp. 147-155).

Pressuposta na nova interconexão entre razão e sensualidade [*sinnlichkeit*], haveria a orientação de uma *racionalidade da gratificação*. Calcada em uma sensibilidade estética, tal racionalidade estaria direcionada para garantir que as pulsões alcancem seus objetos e mantenham seu investimento libidinal perante eles. A “necessidade” (enquanto exigências do princípio da realidade) deixa de ser compreendida como um empecilho para gratificação, passando a designar aquilo que “protege e enriquece as pulsões de vida”, i.e., aquilo que *mantém a gratificação* e alcança os objetos de Eros (Marcuse, 1955, pp. 222-224).

Ademais, para consolidar sua resposta aos dilemas freudianos da impossibilidade civilizacional com a liberação da gratificação, Marcuse conjectura a possibilidade de uma *sublimação não-repressiva*, i.e., a possibilidade de que as pulsões sexuais se satisfaçam com objetos culturais, sem prejuízo ao seu teor sexual propriamente dito. Na civilização repressiva, a sublimação é necessariamente compreendida como alguma espécie de deflexão do alvo original sexual da pulsão, que passa a visar algum objeto cultural, dessexualizado (Marcuse, 1955, pp. 82-84)⁸. Mas podem haver, pelo menos na civilização não repressiva, outras formas de conceber a sublimação, formas que não deixariam de produzir objetos civilizacionais, sem prejuízo à gratificação sexual. Considerando o fim da supremacia genital, liberando a libido para que se gratifique com atividades além da procriação, e com o apoio de uma recapitulação do narcisismo primário — agora mediado por um ego maduro, em meio a uma civilização não ameaçada pela escassez, em que o contraste estrito entre ego e o mundo externo poderia ser atenuado —, Marcuse pode argumentar que o limite da gratificação não precisa ser o próprio corpo: “a catexia libidinal do ego (o próprio corpo do indivíduo) pode se tornar a fonte e o reservatório para uma nova catexia libidinal do mundo objetivo - transformando esse mundo em uma nova forma de ser” (1955, Marcuse, p. 169, tradução nossa)⁹. Ora, dado que a sublimação, conforme Marcuse interpreta o conceito em Freud, é levada a frente pelo ego, que transforma a libido objetual sexual em libido narcísica (Marcuse, 1955, pp. 169-170), poderia haver gratificação com o mundo externo através de investimentos narcísicos, sem qualquer prejuízo no teor libidinal, possibilitando, portanto, a sublimação não repressiva.

A gratificação com a sublimação não repressiva poderia se dar por meio da construção de laços civilizacionais. Considerando a chegada de um mundo onde o organismo humano existe como um instrumento de realização pessoal, e não de trabalho alienado — dado que o “trabalho socialmente útil”

⁸ Para mais sobre o conceito de sublimação, ver Laplanche e Pontalis, 1983, pp. 637-641.

⁹ Citação original: “*the libidinal cathexis of the ego (one's own body) may become the source and reservoir for a new libidinal cathexis of the objective world -- transforming this world into a new mode of being*”.



passa a ser, ao mesmo tempo, a satisfação de necessidades reais individuais —, e tendo em vista a ação de uma racionalidade da gratificação, orientada para auxiliar Eros na obtenção de seus objetivos, a garantia das condições de sobrevivência em comum passa a ser marcada não pela necessidade de antagonizar a sexualidade como tal, mas por, no seu funcionamento ordinário, estar sempre já introjetada de satisfação libidinal (Marcuse, 1955, pp. 202-210). Na sublimação não repressiva, “a sexualidade não é nem defletida, nem bloqueada em seu objetivo; pelo contrário, alcançando seu objetivo, ela o transcende para outros, buscando uma mais plena gratificação” (Marcuse, 1955, p. 211, minha tradução)¹⁰. O exemplo magistral é a conjectura de um trabalho erótico: a possibilidade de compreender o trabalho como uma atividade libidinal, assimilado na civilização não-repressiva a uma lógica da “brincadeira” (Marcuse, 1955, pp. 212-214). Marcuse explica:

The pleasure principle reveals its own dialectic. The erotic aim of sustaining the entire body as subject-object of pleasure calls for the continual refinement of the organism, the intensification of its receptivity, the growth of its sensuousness. The aim generates its own projects of realization: the abolition of toil, the amelioration of the environment, the conquest of disease and decay, the creation of luxury. All these activities flow directly from the pleasure principle, and, at the same time, they constitute work which associates individuals to "greater unities"; no longer confined within the mutilating dominion of the performance principle, they modify the impulse without deflecting it from its aim. There is sublimation and, consequently, culture; but this sublimation proceeds in a system of expanding and enduring libidinal relations, which are in themselves work relations (Marcuse, 1955, p. 212).

Portanto, a sexualidade em si é profundamente alterada: *ela é transformada em Eros*; i.e., ela é engrandecida qualitativa e quantitativamente (Marcuse, 1955, p. 205). Por meio da sublimação não repressiva, a sexualidade é, sempre já, (aparentemente) sem precisar se mutilar, capaz de construir objetos culturais e pilares civilizacionais para perpetuar e incrementar a convivência em comum. O teórico crítico alemão pode até especular se, superando a civilização repressiva, a esfera espiritual não poderia ser um objeto *direto* de investimento libidinal. Indo além da distinção rígida imposta pelo princípio da performance entre o espírito e o corpo, não haveria qualquer espécie de déficit erótico na progressão de um amor pelo corpo, para um amor pela amizade, para um amor pelo conhecimento belo (Marcuse, 1955, pp. 210-212).

¹⁰ Citação original: “sexuality is neither deflected from nor blocked in its objective; rather, in attaining its objective, it transcends it to others, searching for fuller gratification.”

2 Zupančič e a negatividade do sexual

Estabelecidas, portanto, as bases das condições de possibilidade de chegada de uma civilização não repressiva no sistema marcuseano. Realçou-se a necessidade de transformações materiais anteriores, pondo fim ao trabalho alienado, mas o importante seria marcar que o presente contém um *mal-estar interno* que clama pela chegada de um novo mundo. As categorias freudianas comportam a possibilidade de variar historicamente, e nelas, as pulsões de vida na figura de Eros, tão maltratadas no percurso histórico ocidental, representam a luz guiadora para pretensões emancipatórias. Tais esperanças marcuseanas, todavia, podem mistificar e mutilar as ferramentas analíticas que lhe serviram de base para desenvolver seus argumentos.

Com efeito, no primado de Eros pretendido, o que se perde de vista? Para vislumbrar um mundo além do atual, Marcuse fez menção a potencialidades imanentes à ordem do ser. Eros, o desejo, a sensibilidade estética, a razão, a sensualidade [*sinnlichkeit*]; trata-se de registros cuja articulação específica (i.e., em condições materiais específicas, mediados conforme uma determinada lógica, tendo em vista objetivos específicos) apontaria para a possibilidade de uma civilização não repressiva. É na liberação de Eros para que ele aja conforme sua própria essência — uma essência ainda “incompleta”, que aguarda realização — que tais registros acabam por ser matizados. As pulsões de vida têm uma condição ontológica fundamental: Eros é o princípio do Ser (Marcuse, 1955, p. 125)¹¹. É na experimentação do Ser enquanto gratificação (Marcuse, 1955, p. 166) que reside o fundamento último do projeto revolucionário marcuseano: “Hoje a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta *política*” (Marcuse, 1955, xxv). Eros todo-poderoso almeja a reconciliação entre sujeito e objeto, a gratificação total sem a recaída na barbárie, a articulação entre razão e sexualidade (aparentemente) sem prejuízos a ambos lados. Mas não há prejuízos? *As feridas de Eros se curam sem deixar cicatrizes*¹²? Pois bem, à Eros foi garantida uma dignidade ontológica, mas e à *sexualidade*? O resultado é que Marcuse, com seu projeto lapidado na “extração de potencialidades”, suprime elementos estruturantes da conceitualização psicanalítica (enquanto investigação *sui generis*) da sexualidade. Neste momento, um recurso à teorização da sexualidade empreendida pela filósofa e psicanalista eslovena Alenka Zupančič se mostra proveitoso, a fim de mostrar o que se perde conceitualmente com as lentes do teórico crítico alemão (e o que poderia se ganhar com a ênfase de Zupančič no *negativo*).

¹¹ Para aprofundar o debate sobre o que está em jogo com a relação entre pulsões de vida, pulsões de morte, princípio do prazer e ontologia na obra marcuseana, ver Carneiro, 2006, pp. 206-228.

¹² Uma referência ao dito hegeliano “As feridas do espírito curam sem deixar cicatrizes”. Ver Hegel, [1807] 2022, p. 444.

Com o livro *What is Sex?* (2017)¹³, a filósofa e psicanalista eslovena Alenka Zupančič pretende reconhecer o conceito de *sexualidade* (e não apenas *Eros*) em sua dignidade ontológica. Dignidade fundamentada na forma pela qual o conceito expressa uma *contradição persistente e irreconciliável* na ordem do Ser (Zupančič, 2017, p. 3). Uma contradição, porém, que não se mostra como um objeto de contemplação para uma teoria pura intoxicada por resignação, mas *exige uma tomada de posição em um espaço objetivo distorcido* (Zupančič, 2017, pp. 3-4).

Para fundamentar suas teses, Zupančič faz um retorno – mediado pela presença constante de Lacan – a Freud: trata-se de resgatar o que há de distintivo em sua investigação da sexualidade, não criando inferências de senso comum a partir das características empíricas do que é comumente chamado de “práticas sexuais”. Conforme a autora argumenta,

[...] for Freud sexuality was the “deeper and more difficult issue” behind different sexual practices, innuendos and meanings—that it was something inherently problematic, disruptive, rather than constructive, of identities. Sexual activity appeared to Freud as redoubled by its own inherent impasse and difficulty, and as such it called for serious, ontological inquiry (Zupančič, 2017, p. 6).

O caso, portanto, é de se pensar a sexualidade como algo *constitutivamente problemático*, e não um mero invólucro para um problema primário, não sexual, que poderia ser desvendado ao desmistificar a névoa da sexualidade. O “sentido sexual”, em si, pode ser visto como um artifício de mascaramento do inconsciente, que, através da satisfação obtida com sua produção, desvia o olhar de uma negatividade mais urgente em jogo (necessariamente interligada com a própria ideia de sexualidade). A repressão não é executada “sobre” a sexualidade, ambos são intrinsecamente conectados entre si em sua própria constituição (Zupančič, 2017, pp. 8-10).

O que isso significa? A título de clarificação, Zupančič remonta ao conceito de “pulsão sexual” no texto freudiano. É justamente via um excesso não assimilado criado da satisfação de um instinto biológico, produzindo outra forma de satisfação desviante do propósito original a que esteve inicialmente ligada e que passa a visar se perpetuar por si¹⁴, que se origina a pulsão (Zupančič, 2017, p.

¹³ É importante reconhecer, entretanto, que contribuições para o projeto de investigação do status e da natureza da sexualidade enquanto tal já foram legadas em uma obra anterior da filósofa eslovena; nomeadamente, *Why Psychoanalysis: Three Interventions* (ver Zupančič, 2008a). O texto *What is Sex?* expande e qualifica contribuições anteriores, situando-as em discussões com outras correntes filosóficas (tais como o realismo especulativo, o pensamento deleuziano, Badiou).

¹⁴ O caso emblemático é o da perversão polimorfa. Embora haja um instinto biológico de reprodução, a busca por sua realização cria outras formas de satisfação desligadas do cumprimento deste propósito — as perversões polimorfas. As zonas erógenas surgem em diversas partes diferentes do corpo, e a unificação em direção à genitalidade acaba sendo sempre um processo forçado, que deve suprimir o livre escoar daquilo que é perverso em relação à norma biológica, mas que, ainda assim, acaba por ser uma perversão *constitutiva*. A unificação na genitalidade nunca é plenamente sucedida. Ver Laplanche e Pontalis, 1983, pp. 432-435.

8-10). Os contornos “sexuais” propriamente ditos são formados não por espelhar o que, enquanto satisfação desviante, cumpre uma função visível na sexualidade adulta (Zupančič, 2018). Pelo contrário, o conceito de sexualidade necessariamente faz remissão a sua formação no estágio infantil: o excesso inassimilável de satisfação gerado a partir de necessidades vitais é, sempre já, interligado com o universo das mensagens enigmáticas e inconscientes dos adultos. Mensagens enigmáticas, é importante lembrar, para ambas as partes: o excesso de satisfação infantil entra em contato com o inconsciente dos adultos, que se mostra como enigmático não por denotar um conhecimento superior ainda não acessível à criança (e do qual o adulto dispõe), mas por expressar uma “falta” dentro do universo do Outro (Zupančič, 2017, p. 11). Há uma íntima conexão entre o sexual e o *inconsciente* (do Outro).

Ou seja, a pulsão é sexual por conta de sua conexão com a estrutura significante, que também é a estrutura do inconsciente (Zupančič, 2018). Não há um primeiro objeto no sujeito que é reprimido (e que tornaria, posteriormente, a sexualidade possível), o inconsciente “começa (para nós) com a repressão como *a forma significante* dizendo respeito à discursividade enquanto tal” (Zupančič, 2017, p. 11). A hipótese da repressão primal [*Urverdrängung*], através de uma interpretação lacaniana de Freud, trata disso: a repressão enquanto condição formativa do inconsciente e da possibilidade de repressão posterior (assim, o que comumente chamamos de “repressão” é sempre constitutivamente reduplicado) (Zupančič, 2017, p. 11)¹⁵. A assimetria entre a satisfação por instintos vitais e uma satisfação excedente, o ponto de encontro entre o imaginário infantil e a estrutura significante dos adultos; são fatores que conotam uma “dissonância”, uma “falta” no coração da sexualidade humana, inobstante seja o que *torna ela possível*. Portanto, pode-se enxergar a sexualidade como *constitutivamente inconsciente*:

That is to say: unconscious even when it first occurs, and not simply due to a subsequent repression. There is something about sexuality that appears only as repressed, something that registers in reality only in the form of repression (and not as something that first is, and is then repressed). And it is this something (and not some positive feature) that makes sexuality “sexual” in the strong meaning of the word. This is to say that the relation between the unconscious and sexuality is not that between some content and its container; sexuality pertains to the very being-there of the unconscious, in its very ontological uncertainty (Zupančič, 2017, p. 11).

Assim, com o surgimento de uma estrutura significante marcada pela sua incompletude, tem lugar o conceito de “gozo”, a forma pela qual se manifesta a “ausência” de um significante, que necessariamente distorce o restante da estrutura. A negatividade criada pela ausência relaciona os outros significantes, ligando o gozo à estrutura significante. A sexualidade espelha a leitura técnica que

¹⁵ Neste ponto, a autora também faz menção à emergência do *sujeito*, inseparável em seu surgimento da ideia de repressão.

a psicanálise faz do lapso entre o significante faltante e o gozo: “a sexualidade humana é o espaço reservado do significante faltante” (Zupančič, 2017, p. 42).

Com tais argumentos, Zupančič pode tecer considerações interessantes acerca de normas ideológicas impostas socialmente sobre a sexualidade. Tomando o exemplo da repressão cristã, o que o poder visa anular com suas proibições não é o desvio em si. Conforme mostrado previamente, a perversão é constitutiva da sexualidade, *só há sexualidade porque há um desvio original da norma*: trata-se uma norma desde sempre impossível de ser plenamente satisfeita¹⁶. Diversamente, o que se mostra como problemático para o poder constituído — e, portanto, requer proibições — é a conexão entre o “gozo pelo gozo” e a sexualidade. O Cristianismo requer não que a perversão polimorfa em si seja proibida, mas apenas que não se reconheça sua adjetivação enquanto “sexual” (o sexual como sendo apenas a “copulação natural”). Deste modo, conforme a teórica eslovena argumenta, a causa para a proibição e repressão social da sexualidade parece conectada mais com o fato de haver uma negatividade inerente no coração da atividade regulada (Zupančič, 2017, p. 116; p. 142). A incompletude é algo constitutivo da sexualidade, e a negatividade assim exposta parece assombrosa para o poder constituído, que deve erguer uma fantasia em seu lugar (Zupančič, 2017, p. 18).

A “falta” no coração da sexualidade diz respeito a uma incompletude constitutiva da natureza enquanto tal: à natureza, em sua formação básica, falta aquilo necessário para viver conforme seu ideal (para ser *verdadeiramente* “Natureza”). Não é o caso que a cultura profana a coerência originalmente intocada da natureza: ela emerge justamente em seu ponto cego (é porque há um vazio na constituição da natureza que faz sentido a cultura ter um lugar para si) (Zupančič, 2017, p. 15). Entretanto, Zupančič escreve, tais considerações não devem justificar uma tese de “excepcionalidade humana”, professando que o que torna o humano-enquanto-humano é o seu desvio da plenitude constitutiva do resto da natureza; de modo diverso, elas apontam para como a humanidade articula a negatividade *inerente* à natureza. A atividade sexual humana representa o ponto em que a “impossibilidade ontológica” (a negatividade constitutiva) da relação sexual é *registrada* na realidade (Zupančič, 2017, pp. 15-16). Um registro possibilitado pelo conceito do *inconsciente*, que expressa a forma positiva por meio da qual a negatividade inerente pode ser articulada em forma de conhecimento. Trata-se de um conhecimento singular: “Ser “inconsciente de algo” não significa simplesmente que não se sabe; ao contrário, pressupõe um redobramento paradoxal, e é em si duplo ou cindido: envolve *não saber que sabemos* (... que não sabemos)” (Zupančič, 2017, p. 16).

¹⁶ Na realidade, as perversões podem até cumprir uma função de “liga” em uma comunidade, vide os incontáveis exemplos de objetos parciais e perversões polimorfas no imaginário do martírio cristão. Imagens de santos canonizados comendo excrementos e os seios cortados de Santa Agatha são apenas alguns dos exemplos. Ver Zupančič, 2017, pp. 12-14

Ademais, as implicações de tal negatividade constitutiva — e da repressão a ela associada — afastam ilusões sobre o fundamento último da sexualidade. Contrário ao que alguns podem pensar, o desvio e a perversão polimorfa não representam a matéria bruta sexual que permanece com a remoção de um entulho metafísico e ideológico pregando a plenitude da relação sexual. Atrás da fantasia, não há um tesouro escondido — rebelde, desviante e polimorfo — que contém a essência da “verdadeira sexualidade”. Se há algum sentido em falar de uma “matéria bruta” sexual, então a única referência adequada seria ao espaço distorcido que impede a localização de um ponto central, neutro. A “falta”, a negatividade e o “vazio” condicionam o resto da estrutura sexual: tanto a fantasia hegemônica quanto os elementos desviantes apenas são o que são por conta do espaço distorcido em que ocupam (Zupančič, 2017, pp. 104-105). Por isso, não faz sentido tratá-los de maneira independente, ambos têm sua lógica de funcionamento ditada por sua contraparte do espaço distorcido da sexualidade.

What psychoanalysis teaches us is not that, because of this non-relation, we have access to only partial and fleeting pleasures and satisfactions (“squeezing” here and there). The claim is stronger: these partial pleasures and satisfactions are already (in-)formed by the negativity implied by the non-relation. They do not exist independently of it, so that we could have recourse to them, for lack of anything better. They are essentially and intrinsically constituted by “the lack of anything better”: they are the way in which the lack of anything better (the lack of sexual substance or signifier) exists in reality (Zupančič, 2017, pp. 18-19).

Assim sendo, a distorção condicionante não deve ser pensada como algo necessitando de correção para que a relação sexual seja finalmente holística. Não é o caso de substituir a “não-relação” pela “Relação”, pois “a não relação não é o oposto do relacionamento, é a *(il)ógica inerente (um “antagonismo” fundamental) dos relacionamentos* que são possíveis e existentes” (Zupančič, 2017, p. 24). Na realidade, a imposição forçosa da “Relação” é o marco de regimes opressivos, que tentam a qualquer custo moldar a fantasia de que haveria uma ordem harmoniosa e essencialista ditando o funcionamento da sexualidade (Zupančič, 2017, p. 25). Entretanto, tampouco é o caso de afirmar cegamente a “não-relação”, glorificando uma suposta multiplicidade de singularidades atomizadas, tal como o capitalismo em suas variantes mais contemporâneas e seculares prega (Zupančič, 2017, pp. 30-31)¹⁷. Conforme a teórica eslovena argumenta, não se deve escolher entre a “não relação” e a “Relação”, mas apenas se ater à forma pela qual a distorção interna à sexualidade condiciona seus componentes e as ligas entre eles estabelecidas (Zupančič, 2017, pp. 25-26).

Com as novas chaves conceituais fornecidas, Zupančič pode propor uma inversão da fórmula marcuseana, advogando a *primazia ontológica da pulsão de morte*. Para tanto, ela faz uma reconstrução

¹⁷ Além de eclipsar possivelmente a distorção em jogo, pode-se acabar hipostasiando a “não relação” em uma “Relação” propriamente dita.



do conceito de pulsão de morte para esmiuçar seus desenvolvimentos em “Além do Princípio do Prazer” e suas interpretações posteriores em Lacan¹⁸. A chave de sua inversão consiste em coadunar as teses de Freud e Lacan (“pulsões são sexuais por definição” (Zupančič, 2017, p. 101) e “Toda pulsão é virtualmente pulsão de morte” (Lacan, 1966, p. 848)): as pulsões de morte (e a sexualidade) referem a negatividade que unifica toda espécie de pulsão parcial, o espaço distorcido que permite que a pulsão vise o seu objeto parcial. Isso porque o que dá pertinência ao conceito de pulsão de morte (e ao de sexualidade, de modo que seja algo distinto de uma satisfação excedente que pode tomar conta também de outros animais) é uma *dupla repetição*¹⁹ (Zupančič, 2017, p. 102). Há uma repetição inicial, conduzida pelos instintos de autopreservação, que satisfaz necessidades vitais, mas nela, surge um excedente de satisfação, concomitante com um segundo tipo de repetição, que o repete sem obedecer estritamente à lógica “biológica” de redução de tensões que o gerou inicialmente. E a segunda repetição torna o conceito de pulsão de morte pertinente não por representar a satisfação excedente, mas por encarnar a *dissonância* entre a redução de tensões vitais “ordinária” e um “algo a mais” que não pode ser estritamente subsumido sob essa lógica (Zupančič, 2017, pp. 103-104). A força da pulsão de morte está na forma pela qual ela torna saliente a negatividade constitutiva das pulsões parciais, e por isso, Zupančič argumenta, o *objeto real da pulsão* não é a satisfação em si, mas a repetição da dissonância subjacente (Zupančič, 2017, p. 103). A satisfação garantida com o excedente não abarcado pelas necessidades vitais é apenas um meio de atingir o propósito maior que torna a pulsão o que ela é²⁰, i.e., o de expor “a falta de ser no próprio coração do Ser” (Zupančič, 2017, p. 104). Ora, isso acaba aproximando muito mais a sexualidade da pulsão de morte do que sua contraparte da vida: “se a sexualidade correspondesse a um “instinto de vida” não haveria psicanálise, pois uma de suas principais descobertas era que precisamente não há nenhum princípio fundamental (ou Lei) governando a sexualidade humana” (Zupančič, 2017, p. 99). A sexualidade emerge como articulação de uma

¹⁸ Pode haver dificuldades interpretativas com essa seção da obra, na medida em que a teórica eslovena trabalha com supostas contradições dentro da obra de Freud e gravita entre diferentes definições do conceito de pulsão de morte (variações dentro do “Além do Princípio do Prazer” e interpretações posteriores de Lacan). Segundo Zupančič, três concepções diferentes subjazem o texto freudiano: primeiro, um “monismo da pulsão de morte”; segundo, um “dualismo do embate Eros versus Tânatos”; terceiro — e o mais propício para formar um ponto em comum com as interpretações posteriores lacanianas —, um “monismo da contradição”. O ponto da eslovena é que, entre as concepções, há uma lógica progressiva que vai culminar naquilo que unifica Lacan e Freud quanto à pulsão de morte. Não obstante, de fato, seja uma concepção divergente da mais “difundida” sobre a pulsão de morte em Freud (divergente, inclusive, da forma como Marcuse toma o conceito). Ver Zupančič, 2017, pp. 94-105.

¹⁹ Aqui há um diálogo com contribuições de Deleuze. Zupančič pondera as aproximações e diferenças entre os sistemas deleuziano e lacaniano no que tange aos conceitos de *diferença pura*, *repetição enquanto afirmação*, *primazia ontológica das pulsões de morte* e *rachadura* [fêlure]. Ver Zupančič, 2017, pp. 110-128.

²⁰ A teórica eslovena pontua que o aspecto “pulsional” é devidamente explicado apenas se visto nessa chave. Ele deve ser distinguido da “fadiga” que matiza as outras formas de “retorno ao inanimado”. Ver Zupančič, 2017, p. 100.



negatividade inerente ao ser que delimita o espaço deformado onde as pulsões parciais podem percorrer visando seus objetos parciais. A satisfação excedente presente no seu cerne tem um lugar específico por expor a dissonância entre a vida orgânica “original” e um algo a mais ou a menos (a repetição implicada pela pulsão de morte). “A morte é o que espreita no próprio meio das pulsões sexuais. Não como seu alvo, mas uma magnitude negativa ou um menos implicado nelas, e repetido por elas” (Zupančič, 2017, pp. 101-102)²¹.

Todavia, chegando até aqui, não se deve interpretar a insistência de Zupančič na negatividade subjacente à sexualidade como um convite a contemplar, resignada e tragicamente, as aporias de uma impossibilidade ontológica²². As contradições constitutivas diagnosticadas representam o *espaço de ação disponível para o sujeito*, o *locus* em, partindo de um centro distorcido que configura os termos nos respectivos pontos que ocupam, pode-se tomar posição visando a emancipação (Zupančič, 2017, p. 35 e 72). A sexualidade reflete a maneira da psicanálise se situar em uma *totalidade conflitiva*, fornecendo formas específicas de pensar como impasses articulam um determinado mundo (e como se pode agir diante desses impasses). Como exemplo, a teórica eslovena cita de que forma lutas feministas podem agir abordando a “diferença sexual”, denunciando de que maneira o poder mobilizou um corte entre o “masculino” e o “feminino” para criar identidades assimétricas, falsamente as veiculando como que ocupando posições em uma ordem harmoniosa e essencialista, mas cuja existência depende da opressão e exclusão de um lado sobre outro — trata-se da imposição de *identidades cuja constituição* é marcada pela sujeição de um lado pelo outro (Zupančič, 2017, pp. 35-37).

Com tudo até então exposto, é possível perceber a importância que o conceito de *negatividade* tem para a teorização de Zupančič da sexualidade. Não se trata de um mero oposto de afirmatividade, o “não A” contraposto ao “A”. Neste caso, a negatividade, com efeito, conjuga um terceiro elemento: há o que afirmado, o que é negado e o *resíduo inassimilável* que permanece com a negação. A utilização de termos como “fenda”, “buraco”, é ilustrativa: há termos separados, condenados à diferença entre si, e há o espaço (o *vazio*) que impõe a separação. O que há de se levar em conta é que, além dos termos específicos separados, o marco espacial que continuamente reforça o *desencontro* produz um sentido

²¹ O debate sobre o status ontológico da pulsão de morte e suas implicações, e como ele contrasta nas obras de Zupančič e Marcuse, é um tópico indubitavelmente relevante, que pode gerar uma discussão mais aprofundada. Entretanto, uma exploração maior fugiria do escopo do presente artigo, que pretende restringir seu foco ao conceito de sexualidade e desejo (o que não quer dizer que há implicações que tocam no conceito da pulsão de morte, muito pelo contrário, conforme foi demonstrado). Daniel Cho, mobilizando uma base lacaniana, aborda o projeto marcuseano de *Eros e Civilização* para propor uma inversão de sua fórmula, advogando Tânatos enquanto motor político revolucionário. Ver Cho, 2006.

²² Tupinambá reforça que Zupančič evita endossar uma “gramática trágica” nas formas de pensamento da psicanálise. Ver Tupinambá, 2018, pp. 129-130.

muito próprio. Um sentido que impede a racionalização na forma de um princípio de identidade (dialético ou não dialético), mas que permite a inscrição na realidade de figurações que exigem uma compreensão para além daquela abarcada no domínio da filosofia²³.

3 Um eros que sufoca a sexualidade

Tendo em mãos, lado a lado, as teses de Marcuse e Zupančič, o leitor arguto poderia já perceber alguns contrastes importantes. Todavia, o fato de Marcuse atribuir historicidade e plasticidade a conceitos freudianos não é algo, em si, objetável, pelo menos se analisado pelo aporte teórico da pensadora eslovena. Entretanto, para ligar a historicidade das pulsões ao seu projeto de uma civilização não repressiva, para pensar a possibilidade de uma razão erótica e da reconciliação do sujeito com o objeto, Marcuse lança mão de um sistema teórico que acaba traindo o propósito original das ferramentas de que se valeu. Em síntese, querendo mobilizar a psicanálise para espelhar e justificar seus fundamentos filosóficos, o teórico crítico alemão amordaça aquilo que qualifica a psicanálise como trazendo contribuições distintas e autônomas para um fenômeno que exige uma abordagem específica. Marcuse não consegue tratar a sexualidade em sua pertinência conceitual e, desse modo, não permite que a psicanálise mobilize uma forma de pensamento que possa, nos seus próprios termos, incidir naquilo que a filosofia não alcança adequadamente.

Ora, no projeto marcuseano, a sexualidade tem lugar enquanto “um aspecto de Eros, [e é] especificamente relacionada à expressão erótica do corpo” (Feenberg, 2023, tradução nossa)²⁴. No ideal da civilização não repressiva, a sexualidade é necessariamente orientada para a consecução dos objetivos de Eros. Elementos como a perversidade polimorfa, a fantasia e o desejo têm um lugar na promoção da utopia marcuseana, mas apenas na medida em que arregimentam potencialidades a serem articuladas por Eros liberto. Eles contêm, no mundo do princípio da performance, uma dialeticidade própria, eles evocam imagens de um passado livre da repressão, mas sua função é necessariamente subjugada à recapitulação por um ego maduro e à orientação de uma racionalidade da gratificação, tendo como pano de fundo uma civilização não ameaçada pela escassez. A sexualidade é, com efeito, *transformada em Eros*.

²³ Ver Zupančič, 2012, para uma exploração detida nos conceitos de “negação” e “negatividade” em Freud (e sua mediação por lentes lacanianas). Os exemplos que a teórica eslovena cita de piadas são instrutivos para elucidar a natureza do *terceiro elemento espectral* implicado pela negatividade na psicanálise.

²⁴ Citação original: “*an aspect of eros, is specifically related to the erotic significance of the body*”.



Marcuse, por sua vez, poderia objetar afirmando que não há tensão nessa subserviência: trata-se da articulação de *potencialidades* que culminam no primado de Eros. É da “natureza” da sexualidade que ela, em determinadas condições, possa desenvolver a sublimação não repressiva. Haveria um casamento “natural” entre razão e gratificação, impedido pelo progresso civilizacional tal qual se conheceu até hoje, que seria finalmente sacramentado na civilização não repressiva: a busca por harmonia, união, proporção, pela beleza, pela “verdade dos sentidos” representaria um chão comum, fornecido por Eros liberto, onde racionalidade e sensualidade [*sinnlichkeit*] poderiam comungar (Lebrun, 1983, pp. 138-142)²⁵. Portanto, a sexualidade – compreendida, no sistema marcuseano, como necessariamente cúmplice da sensualidade [*sinnlichkeit*] visando a satisfação corporal – é capaz de, em si, ir além de si, desaguando no avanço dos objetivos de Eros, i.e., na “a constituição de unidades vitais cada vez maiores”. Tanto as pulsões de vida quanto a sexualidade emergem em meios “incompletos”, elas são indissociáveis daquilo que ainda aparece como apenas uma possibilidade futura, mas ambas estão orientadas a ir em busca dessa plenitude (Feenberg, 2023, p. 14; p. 81). Eros é a realização das potencialidades da sexualidade, o seu “engrandecimento qualitativo e quantitativo” (Marcuse, 1955, p. 205).

Contudo, Marcuse parece esquecer que, no que aparenta ser um mar calmo da união entre razão e gratificação sob a égide de Eros liberto, as profundezas contêm uma agitação implacável: a sexualidade. Eros visa constituir unidades cada vez maiores, a razão e a sensualidade [*sinnlichkeit*] comunicam-se um com o outro para dissolver suas contradições e promover mutuamente a aquisição de seus objetivos, mas o conceito de sexualidade *desorienta* tais empreendimentos. Não é o caso de apenas um objeto “fora de lugar” a ser considerado pelas forças de Eros para garantir sua integração na lógica de gratificação e a dissolução das contradições que evoca. Trata-se de uma *negatividade dinâmica*, que desloca permanentemente os centros de referência para as tentativas de imposição de consistência sobre ela. Zupančič afirma a sexualidade como um *operador do inumano*: menos um chão firme para que o conceito de humanidade finalmente se afirme e se realize, a sexualidade é representativa de um ponto de disjunção das tentativas de localizar a “essência” do ser humano (Zupančič, 2008a, p. 12; Zupančič, 2017, p. 7)²⁶.

²⁵ O conceito de “beleza” e “leis da beleza” no corpo teórico marcuseano, e como ele fornece as bases para uma nova ideia de razão finalmente poder comungar com as faculdades gratificantes humanas (não obstante, distinguindo “verdadeiras” e “falsas” potencialidades estéticas) é interessantemente tratado em Feenberg, 2023. A questão da distinção entre “verdadeiros e falsos prazeres” dentro do sistema marcuseano é também tratada brilhantemente em Prado Jr., 1990.

²⁶ O que não significa um impedimento para a ideia de “sujeito”: muito pelo contrário, é justamente aqui que o assujeitamento é possível. Para uma abordagem de influência psicanalítica como esta, o sujeito é menos um ponto fixo de partida para tecer conclusões, e mais um ponto de chegada, após o diagnóstico do espaço distorcido do Real. Ver Zupančič, 2017, pp. 119-127 e Žižek, [1989] 2008.



Não há dúvidas de que Marcuse quer erotizar a razão, mas isso está inserido em um duplo movimento: a questão é até que ponto há a imposição de uma racionalização e ordenação asfixiante da sexualidade. Querendo integrar a sexualidade num esquema teleológico de redenção por uma razão finalmente *autêntica* (inobstante se trate de uma razão que não se furte à possibilidade de satisfação do corpo)²⁷, o teórico crítico alemão perde de vista aquilo que foi distintivo com a conceitualização pela psicanálise (principalmente em sua vertente lacaniana, mas também na de inspiração freudiana propriamente dita) da sexualidade e da pulsão. Conforme já foi argumentado por Bento Prado Jr. e Vladimir Safatle, Marcuse não consegue conceber a *inadequação estrutural entre pulsão e objeto empírico* (Prado Jr., 1990; Safatle, 2004, p. 284)²⁸. É verdade, se Eros visa a criação de unidades fusionais cada vez maiores, nada impede que isso possa ser estendido para a constituição de um campo intersubjetivo e de uma razão que compactue os sujeitos desejan-tes com o trabalho e outras formas de reprodução social básicas (conquanto sejam formas de reprodução social ligadas a uma *civilização não repressiva*). Entretanto, o diferencial da sexualidade e da pulsão se encontra em outro nível: a sua pertinência conceitual é indissociável da negatividade subjacente aos processos de satisfação do ser humano (Safatle, 2004, p. 285)²⁹. O poder de “rememoração” mobilizado por um ego maduro, visando recapitular os lampejos de gratificação plena (hipoteticamente) presentes nos primeiros estágios da vida psíquica, não consegue exaurir os desafios trazidos pela sexualidade (Safatle, 2004, p. 284; p. 286). O problema da sexualidade não é que falta o objeto necessário para que a satisfação possa finalmente ser possível (e que a tarefa seria, então, fornecer as condições de possibilidade de obtenção desse objeto). A questão trazida é que, pelo impulso incessante da pulsão desvinculada da redução de tensões de necessidades vitais, pelo desejo que parece muito mais atraído por uma negatividade contínua do que um objeto fixo, revelam-se lapsos e dissonâncias impassíveis de serem remediados por um Eros racionalizante.

Não reconhecendo a sexualidade em sua pertinência conceitual, Marcuse impõe uma tirania da forma de pensamento da filosofia, não permitindo à psicanálise que ela pense seus objetos nos seus próprios termos e impedindo a confrontação da filosofia com seus limites. Conforme Safatle, ecoando Bento Prado Jr., já argumentou, a confrontação da filosofia com aquilo que lhe é exterior revela que há “objetos que só podem ser apreendidos na interseção entre práticas e elaborações conceituais

²⁷ Gérard Lebrun, comentando *Eros e Civilização*, sintetiza tal ponto muito bem. Ver Lebrun, 1983, pp. 138-139.

²⁸ Bento Prado Jr. (1990) reforça que Marcuse faz uma confusão fundamental entre o “alvo” e o “objeto” da pulsão.

²⁹ E como mais um problema para Marcuse, no que tange a sua ideia de um passado de gratificação plena na relação entre o bebê e sua mãe, Safatle argumenta que as primeiras experiências do bebê “não são de gozo pleno da vida, mas de incompletude devido à prematura física da criança ao nascer e de alienação do bebê como objeto do desejo da mãe” (Safatle, 2004, p. 285).

absolutamente autônomas e com causalidades próprias” (Safatle, 2004, p. 281). A sexualidade é um destes objetos, evidenciando limites para formas de conceitualização comumente entendidas como “filosóficas”, obrigando à filosofia seu refinamento pelo contato com o que lhe foge e denunciando a necessidade de contato com outra forma de conhecimento.

Ademais, complementando esse ponto, Gabriel Tupinambá, filósofo e psicanalista brasileiro, em seu texto comentando as contribuições de Zupančič para a relação entre psicanálise e sexualidade (Tupinambá, 2018), torna manifesto como a sexualidade dá as bases para que a psicanálise forme um campo autônomo de conhecimento e lide adequadamente com o real de uma dada totalidade conflitiva. Assim, a sexualidade associa a psicanálise à filosofia, trabalhando com antagonismos ofuscados pela filosofia que delimitam o seu espaço³⁰, mas, do mesmo modo, é o que permite a psicanálise atuar na realidade enquanto campo autônomo e ter o seu próprio acesso à universalidade (Tupinambá, 2018, p. 122). Em face de uma totalidade conflitiva, marcada por uma negatividade determinante que desafia tentativas de consistência e que impede um ponto de vista “neutro” do todo – o que pressupõe, portanto, que “a objetividade é ligada aqui à própria capacidade de se ser “parcial” ou “partidário” (Zupančič, 2017, p. 4) –, a sexualidade representa a forma pela qual a psicanálise pode *tomar partido* e atuar nessa realidade (Tupinambá, 2018, p. 122)³¹. Ainda que o acesso subjetivo à consistência da sexualidade e do desejo seja impossibilitado – i.e., que a *disposição* do desejo seja impossibilitada –, pode haver a sua *composição*: ou seja, pode-se “escrever algo dessa impossibilidade em uma consistência que somente existe na medida em que participamos dela” (Tupinambá, 2018, p. 130). Tupinambá (evocando Zupančič) cita como uma lógica da comédia, o amor e a própria relação do analista e analisando podem tematizar a composição do desejo, permitindo a criação de um *novo significante* a partir do trabalho com a contingência do ser, que não a nega – e por isso a importância de permanecer no paradigma fornecido pela sexualidade, que abre o quadro de uma totalidade com um centro distorcido onde não há um “ponto neutro”, uma totalidade que aponta para uma faceta ontológica enquanto tal –, mas simplesmente imprime uma *disjunção entre o “necessário” e o “impossível”*³² (Tupinambá, 2018, pp. 131-135; Zupančič, 2017, p. 135). Tomando o exemplo do amor, “o Ser não escapa mais de nossas mãos, mas coincide com o “tu” que Eu amo. “Tu é isso!,” “Tu és o ser que sempre me esteve faltando!”” (Zupančič, 2017, p. 134). A teórica eslovena iniciou sua obra

³⁰ Žižek pontua sobre o fato da teoria psicanalítica trabalhar com uma “fenda” no coração operativo da filosofia que, ainda assim, a fundamenta. Ver Žižek, 2018, p. 15

³¹ Tupinambá faz uma relação elucidativa com o conceito de “subjetividade do sujeito-objeto” no idealismo alemão para pensar a sexualidade enquanto forma da psicanálise tomar posição numa totalidade conflitiva.

³² Neste ponto, há grande proximidade com o conceito do “Evento” na obra de Alain Badiou (2005). A questão da comédia é mais explorada em Zupančič, 2018b.

com a sexualidade e finalizou com o amor, não por negar o sexual, mas por (*comicamente*) reconhecê-lo em tudo que implica, em todas suas imbricações ontológicas.

Claro, isso não significa que a negatividade trabalhada pela psicanálise deva estar no centro de qualquer conceitualização estrutural: o ponto é que estruturas diferentes podem exigir *formas de pensamento* diferentes para adequadamente abordá-las (para “tocar em seu real”) (Tupinambá, 2018, pp. 123-127)³³. A sexualidade em sua formulação psicanalítica tem, obviamente, implicações e pressuposições filosóficas, de onde não se deve concluir que há a necessidade de que a filosofia enquanto grã-mestra dê seu juízo de correção sobre as inconsistências no coração da sexualidade. São essas inconsistências formativas que permitem à psicanálise que ela *atue* em uma totalidade específica e tenha seu acesso próprio à universalidade.

Considerações finais

Marcuse, especialmente em sua obra *Eros e Civilização*, não é um autor que passou despercebido pelas críticas (Cho, 2006; De Genaro, 2008; Macintyre, 1970; Whitebook, 1996). Ademais, o projeto marcuseano não se tornou hegemônico, o domínio do princípio da performance não foi desbancado, tampouco se chegou mais perto de algo que se poderia chamar de uma “razão erótica”. Contudo, os seus sonhos por um mundo *verdadeira e radicalmente* diferente não são o que motiva os questionamentos do presente artigo. Aqui, não se objeta, em princípio, a esforços de conceber as condições de possibilidade da chegada de uma civilização não repressiva. Entretanto, tais esforços podem se “acomodar”³⁴ a apontar contradições e tendências naquele mundo que dizem querer superar, para chegar à conclusão de que o motor teórico da transformação política deve ser, através da razão que fez o diagnóstico inicial, dissolver as contradições que parecem não se aguentar mais e fazer com que a bela natureza daquilo que, no atual momento histórico, foi raptado para trabalhar contrariamente ao seu propósito original, finalmente se realize. Haveria, de acordo com essas leituras, um *telos* direcionado (mesmo que apenas por meio de *potencialidades*) para a plena reconciliação

³³ Tupinambá reforça que tal ponto está profundamente relacionado com a teoria dos *procedimentos genéricos* e da *compossibilidade* de Alain Badiou. Ver Badiou, 2005 e 2009.

³⁴ O que não quer dizer que não há elemento contestatório e negativo no projeto marcuseano. Conceitos como o da “Grande Recusa” provam exatamente o contrário: Marcuse não descarta a necessidade de intensificar o antagonismo ao que é dado (Marcuse, 1955, pp. 149-150). O problema é em relação ao que o teórico crítico alemão sujeita a força disruptiva da Grande Recusa: no final das contas, o ponto seria a resolução de contradições e a realização de potencialidades sob a tutela de uma razão e uma sensualidade [*sinnlichkeit*] que sabem acertar suas diferenças e reforçar o campo intersubjetivo (na base de uma civilização futura, *não repressiva*).

entre sujeito e objeto, bloqueado e sequestrado por um *infortúnio* (ou *catástrofe*) histórico: a tarefa seria finalmente libertá-lo. Aquilo que uma “razão emancipatória” – que não descarta as necessidades do corpo e se vale de mecanismos como a memória, a fantasia e a sensibilidade estética – vê como “fora do lugar”, como em contradição com seu propósito formal, como falhando incessantemente na aquisição de seu objeto, seria justamente isso: algo “fora do lugar” (natural). O ponto seria deixar o “natural” se realizar, dissolvendo as contradições através do movimento do conceito.

Contudo, o problema é que há uma negatividade abafada e asfixiada na pretensa dialeticidade de Marcuse. Há objetos que, por conta de sua própria constituição, desafiam tentativas de resolução de suas contradições em um estágio superior do conceito. A sexualidade é um destes objetos, não apresentando apenas contradições internas que podem ser resolvidas após um contato com uma mediação qualificada, sendo algo que é “em si inerentemente inconsistente e só “se torna o que é” através destas mediações que buscam opor ou integrá-la num horizonte significativo” (Tupinambá, 2018, p. 121). Uma *negatividade dinâmica*, que desloca os centros de referência de satisfação num espaço perpetuamente distorcido. A sexualidade articula uma *fratura ontológica*, e é esse um elemento de importância trazido com sua conceitualização pelas lentes teóricas da psicanálise – da qual Marcuse quer tanto se fruir. Em linha com uma certa tradição freudo-marxista, Marcuse pretende usar ferramentas da psicanálise para diagnosticar o descompasso entre condições objetivas de transformação social e condições subjetivas dos agentes revolucionários; o problema é que tais ferramentas não constituem uma mera “teoria do sujeito” entre outras que a história da filosofia legou. A sexualidade, conforme Zupančič afirma, é o “*sine qua non*” de qualquer psicanálise (2017, p. 6), pois, expressando as inconsistências no interior do Ser irremediáveis por um trabalho conceitual, é o que permite o pensamento psicanalítico representar um campo autônomo de conhecimento e ter o acesso, nos seus próprios termos, à universalidade. Aquilo conceitualizado como o sexual não representa apenas um corpo desvairado, tentando encontrar a satisfação e não conseguindo, cabendo à razão finalmente endireitar este caminho; é, pelo contrário, o que articula uma dada totalidade conflitiva cujo real pode ser tocado por outras formas de conhecimento.

Permitindo que outras formas de conhecimento autônomo (como a psicanálise) sejam possíveis, as próprias inconsistências expostas pela sexualidade podem ser encaradas de outra maneira. Com uma disjunção entre o “necessário” e o “impossível”, abre-se espaço para que as coisas “parem de não ser escritas” (*para que o Evento ocorra*) (Lacan *apud* Zupančič, 2017, p. 134): na repetição do Ser em sua contingência, aquilo que na perspectiva de um acesso subjetivo permanece como impossibilitado pode ser articulado em uma consistência apenas possível na medida em que se participa dela, uma participação que implica uma parceria objetiva para além de qualquer intersubjetividade. Tais espaços de “parcerias objetivas” – tal como a relação de análise, a comédia e o amor – desafiam



a necessidade de mediação pelo pensamento filosófico, como a de um sujeito racional que dissolve contradições em um todo unificado, para produzirem sua própria “consistência” (Tupinambá, 2018, pp. 128-132). As contradições no coração da sexualidade não necessariamente se generalizam para todo tipo de estrutura, mas desafiam aquilo que incide sobre ela, exigindo contato com procedimentos de conhecimento para além do filosófico-conceitual. Se há interesse genuíno em conceber as condições de possibilidade de outro mundo, é bom se ter em conta que procedimentos de conhecimento diferentes serão necessários para abordar fenômenos diferentes. O olhar miópico que quer, a qualquer custo, suprimir o negativo da sexualidade em um todo harmonioso pode acabar atualizando a tão temida razão repressora...

Recebido em: 02/06/2024

Aceito em: 13/10/2024

Publicado em: 28/10/2024



REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain. *Being and Event*. Londres: Continuum, 2005.
- BADIOU, Alain. *Logics of the Worlds*. Londres: Continuum, 2009.
- CARNEIRO, Silvio Ricardo Gomes. O discurso ontológico e a teoria crítica de Marcuse: gênese da filosofia da psicanálise (1927-1955). São Paulo, 249 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.
- CHO, Daniel. Thanatos and civilization: Lacan, Marcuse, and the death drive. *Policy Futures in Education*, v. 4, n. 1, p. 18-30, mar. 2006. DOI: <https://doi.org/10.2304/pfie.2006.4.1.18>.
- DE GENARO, Ednei. Sexualidade e crítica social: Marcuse após Foucault. *CSONline: Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17085>. Acesso em: 02 jun. 2024.
- FEENBERG, Andrew. *The Ruthless Critique of Everything Existing: Nature and Revolution in Marcuse's Philosophy of Praxis*. Nova Iorque: Verso, 2023.
- FONG, Benjamin Y.; JENKINS, Scott. Society, regression, psychoanalysis, or 'Capitalism is responsible for your problems with your girlfriend': on the use of psychoanalysis in the work of the Frankfurt School. In: BEST, B.; BONEFELD, W.; O'KANE, C. (Org.). *The SAGE Handbook of Frankfurt School Critical Theory*. Londres: SAGE Publications, 2018, v. 2, pp. 952-969.
- FREUD, Sigmund. Civilization and its Discontents. In: FREUD, S.; STRACHEY, J. (Org.). *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Trad. James Strachey. Londres: The Hogarth Press, 1931, v. XXI, pp. 64-145.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. 9. ed. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2022.
- JAMESON, Frederic. *Marxism and Form: Twentieth-Century Dialectical Theories of Literature*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1971.
- JAY, Martin. *A Imaginação Dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- KELLNER, Douglas. *Herbert Marcuse and the Crisis of Marxism*. Los Angeles: University of California Press, 1984.
- LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- LEBRUN, Gérard. Os dois Marcuse. In: LEBRUN, G. *Passeios ao Léu: Ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 132-142.
- MARCUSE, Herbert. *Eros and Civilization: A Philosophical Inquiry into Freud*. Boston: The Beacon Press, 1955.
- MARCUSE, Herbert. *One-Dimensional Man: Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society*. 2. ed. Nova Iorque: Routledge, 2002.
- MACINTYRE, Alasdair. *Herbert Marcuse: An Exposition and a Polemic*. Nova Iorque: Viking Press, 1970.
- PRADO JR., Bento. Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse, crítico de Freud. *Artepensamento: Ensaios Filosóficos e Políticos*, 1990. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/entre-o-alvo-e-o-objeto-do-desejo-marcuse-critico-de-freud/>. Acesso em: 02 jun. 2024.
- SAFATLE, Vladimir Pinheiro. Auto-reflexão ou repetição: Bento Prado Jr. e a crítica ao recurso frankfurtiano à psicanálise. *Ágora*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 279-292, jul./dez. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982004000200007>.
- SCHILLER, Friedrich. *A Educação Estética do Homem numa Série de Cartas*. Trad. Márcio Suzuki e Roberto Schwarz. São Paulo: Iluminuras, 2002.



- TUPINAMBÁ, Gabriel. What is sex... if love is possible?. *Continental Thought and Theory*, Canterbury, v. 2, n. 2, p. 117-138, ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.26021/235>.
- WHITEBOOK, Joel. *Perversion and Utopia: A Study in Psychoanalysis and Critical Theory*. Cambridge: MIT Press, 1996.
- ŽIŽEK, Slavoj. *The Sublime Object of Ideology*. Londres: Verso, [1989] 2008a.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Incontinence of the Void: Economico-Philosophical Spandrels*. Cambridge: MIT Press, 2018b.
- ZUPANČIČ, Alenka. *Why Psychoanalysis: Three Interventions*. Nova Iorque: NSU Press, 2008a.
- ZUPANČIČ, Alenka. *The Odd One In: On Comedy*. Cambridge: MIT Press, 2008b.
- ZUPANČIČ, Alenka. Not-mother: On Freud's Verneinung. *e-flux Journal*, mar. 2012. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/33/68292/not-mother-on-freud-s-verneinung/>. Acesso em: 10 out. 2024.
- ZUPANČIČ, Alenka. *What Is Sex?*. Cambridge: MIT Press, 2017.
- ZUPANČIČ, Alenka. Too much of not enough: An interview with Alenka Zupančič. Entrevista concedida a Cassandra B. Seltman. *Los Angeles Review of Books*, mar. 2018. Disponível em: <https://lareviewofbooks.org/article/too-much-of-not-enough-an-interview-with-alenka-zupancic/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

